

O ELEGANTE

Director—Irenio Ramos Barbosa
Redactor-chefe—Lúlio G. Malheiros
Gerente—João da Costa Netto
Redactores—(João José Cabral
Osny Silva)

SEGUNDA PHASE

NUMERO AVULSO 100 RS.

ANNO II

Florianopolis, 7 de Junho de 1925

NUMERO 12

A MACHINA

Não sahirá nada, hoje?
Falta-me assumpto, esta é a verdade.
E, no entanto, seria tão bom escrever
alguma coisa agora! Faz frio lá fora,
há um calorsinho agradável aqui, a ca-
sa está fechada, as crianças dormem,
há um silencio só interrompido pelo ruído
da machina de coser que minha es-
posa, tentada por esta paz de sala quen-
te, resolveu pôr em movimento.
Mas... e o assumpto?
Olho ao redor. O relógio, os moveis,
a garrafa d'agua, vasos de flôres, a ma-
china... a machina...
Pois seja a machina.

Elle comprou-lhe aquella machina talvez sem prever o papel que ella iria representar mais tarde na vida da esposa.
Estava bem empregado, ganhava o sufficiente para as despesas de ambos e ella não tinha necessidade de trabalhar.
Mas quiz fazer-lhe um presente de anniversario e escolheu aquillo, um objecto util.

Não era dos modelos mais aperfeiçoados, era barata, de segunda mão. A esposa era habilidosa, cosia bem, mas não poudo conter um sorriso quando recebeu o presente.

Foi bom, disse, para não descontentar o marido. Sempre é bom ter-se uma machina para alguma costurasinha de maior pressa.

Mas a machina ficou a um canto, quasi esquecida.

Tinha tampa e servia de mesa, quando queriam desembaraçar-se de qualquer coisa. Um chapéu, uma capa, um sobretudo, tirados ás pressas, lá iam para cima da machina.

Mas vieram dias de luto e de pobreza. Elle morreu repentinamente, atirando-a de subito dos dias despreocupados de fartura aos dias aprehensivos do problema difficil da subsistencia.

Foi, para ella, um abalo formidavel. A transição brusca quasi a matou.

Quando, ao voltar a si, percebeu repentinamente o horror da sua situação teve medo da vida.

Estava sosinha e pobre. Era preciso trabalhar.

Não a assustava o trabalho, mas tinha medo de que elle não bastasse á sua subsistencia, por menos exigente que ella fosse.

Paga-se tão mal uma mulher que trabalha!

Mas resolveu-se ao sacrificio heroico de uma economia rigorosissima, accedendo, mesmo, com resignação, as privações que porventura viessem.

Quando retirou a velha machina do seu canto e fez correr sobre a sua agulha os primeiros trabalhos modestos que lhe encomendaram mais por interesse de protegê-la chorou, lembrando-se do sorriso com que recebera aquelle presente do marido.

E entrou o primeiro dinheiro ganho por suas mãos. Era pouco, mas já não havia nada no mealheiro.

Acariciou a machina, como se ella podesse comprehender o seu reconhecimento.

Seu trabalho agradou e as encomendas se repetiram.

Continuou a ganhar pouco, porque, não sendo ainda conhecida como costureira, havia ainda o receio de lhe entregarem encomendas finas.

Mas, restrictas as suas despesas, não faltava pão em casa.

D. PEDRO SEGUNDO

Longe de tua Patria e longe ainda
Dos teus velhos amigos trahidores,
Recebeste da Morte a boa-vinda,
Mas nem por isto te faltaram flôres!

Mas a saudade de teu nome é infinda,
Jámais ha-de morrer! Entre canglores
E n'uma apothéose que não finda
E' ainda o phanal dos luctadores!

Fôste exilado, é certo, mas agóra
E' que o Povó comprehende o grande erro,
E da injustiça infame hoje chóra!

Foste um Monarcha emérito e viril,
E no entanto te déram o atróz desterro
Pelo bem que fizeste ao teu Brazil!

1925

Nicolau Nahas

(Do Centro Catharicense de Letras)

E o olhar agradecido que deitava a machina ia dirigido ao além, a essa outra vida onde vivia o marido.

Era para elle, o providente que lhe dera aquella amiga, a melhor amiga.

No silencio da sua casa só a voz da sua machina a consolava da auzença d'elle. O seu ruído constante dava-lhe o pão e minorava-lhe a dôr do seu isolamento.

Trabalhava, trabalhava.

E a viuva fallava á sua amiga, dirigia-lhe caricias.

—Vamos, minha amiga. Amanhã temos de dar isto prompto, vamos hoje mais tarde.

E, quando a sentia pesada, lamentava-a como se ella podesse sentir o excesso de trabalho que lhe dava.

—Coitada da minha machina!

Está cansada, minha velha?

Cuidava-a com carinhos que nunca tivera para ella no tempo da fartura.

Trazia-a limpinha, azeitada, observando com receio os seus vagares e em ferramentos.

Mas esses eram raros.

A machina era doce e fiel.

Sempre prompta para o trabalho, sem desarranjos, sem resistencias, nunca deixava de obedecer-lhe.

Trabalhava, trabalhava.

E raiaram dias melhores.

Aos trabalhos grosseiros e mal pagos succederam-se trabalhos de maior responsabilidade e mais remuneradores.

A costureira passava pouco a pouco á modista.

Passavam pela velha machina primeiro as etâmines, depois as sodas menos caras e um dia os primeiros crêpes da China deitaram á pobre trabalhadora o reflexo de suas côres alegres e brilhantes.

A fartura voltou.

A casa animava-se de vozes alegres e garrulas.

Moveis foram substituidos mudou, o

aspecto da sala, havia mais luxo, mais requinte.

E a voz da machina parecia soar mais alegre, mais feliz naquella ambiente de conforto.

Parecia ter orgulho da sua obra e dizer a todos no seu ruído constante:

—Sou eu a autora dessa transformação, eu a fada que trouxe a esta casa o bem estar e a alegria.

Mas um dia appareceu na sala uma machina nova. Era elegante, vistosa, cheia de nickelados brilhantes e de vernizes polidos e lustrosos.

E a velha machina emmudeceu para sempre, recolhida de novo ao seu cantinho humilde, mesa e cabide improvisado das cousas atiradas ás pressas, ao acaso.

Pedro Paulo

27-5-925

LENDA DAS VIOLETAS

Non album

A' um velhinho, tropego caminheiro que encontrei quando estradas percorria, deparando violetas n'um canteiro perguntei si sua origem conhecia.

E elle disse, e os olhos rasos d'agua: quando pregado á cruz, morreu o Chris-

to, Maria, sua mãe, cheia de magua,

chorou no mundo um pranto nunca vis-

to. E taes lagrimas chorou naquelle dia, lagrimas cheias de dor e de doçura aquella que depois santa seria,

que essa lenda hoje ainda perdura: Violetas são lagrimas que Maria chorou, naquella tarde de amargura.

Petrarcha Callado

Uma carta e sua resposta

Na fria manhã de quinta-feira bateu-me á porta o carteiro entregando-me uma carta amarellada e sellada com um pequenino sello de vinte reis. Aborreci-me com o importuno que viéra perturbar minha quietude, obrigando-me, descortezmente, a pagar uma taxa por ter vindo a missiva com carencia de sello.

Abri o envelope e li o que abaixo transcrevo *«ipses litteris»*

II^o. Sr. Redactor-chefe do Elegante.

Nesta

Já está se tornando desnatural o modo com(?) o Redactor ou os redactores desse orgão, vem augmentando (*sic*) (por propria conta) os numeros no concurso de dança) E ainda poem (*sic*) no jornal «Qual a melhor dançuse» pois si na redação (*sic*) mesmo e que é para ser julgada, porque consultar a opinião dos leitores?) Sabemos, porem qual a intenção dos que assim procede (*sic*); vencer quem bem intende e não quem tem mais numero de votos(Porem elles(?) já fizeram as pazes, não sei porque ainda serão vencedores)

Isto não sou só eu quem (*sic*) digo, mais (*sic*) consideravel numero de leitores, até mesmo um que já foi da redação (*sic*).

«O Elegante que sob alguns pontos ja está em declínio, e tendo, ainda um (?) que d'esta maneira opera, não só continuará em franca decadencia, mas tambem desmoraliza-se (*sic*) completamente.

Abraços do

Ary.

Apoz ler esse amontoado de tolices grammaticaes que patenteiam claramente a ignorancia do seu autor, julguei ter comprehendido, mais ou menos, o sentido da carta que servilmente as comportou.

Diz o ignorante autor que nós, os do corpo de redação, (saiba o sr. Ary que assim se escreve esse vocabulo) é que, a bico de pena, forjamos a votação dos candidatos ao nosso concurso de dança.

Cô-venha o sr. Ary que é principio de honra como tambem de bom-senso, affirmar-se uma cousa apoz ter-se em mão as provas concludentes da veracidade do que se affirma.

A esse principio faltou completamente o meu missivista tacanho, levado, talvez, pelo despeito de não poder elevar, pelo seu unico e nullo prestígio, a sua candidata e deusa de seus sonhos á ponta da tabella das senhorinhas votadas.

A votação que publicamos é toda ella recebida, e si disso quizer se certificar o sr. Ary, poderá comparecer á minha residencia, onde lhe poderei fazer o especial obsequio de lhe dar as provas do que digo.

A segunda parte da carta refere-se ao crescente desprestígio do jornal que modestamente redactorio e á sua decadencia final.

E' a primeira vez que ouvimos taes apreciações e partindo ellas de um espirito atrazado e ignorante como o do sr. Ary, em nada, podem ter o cunho da verdade, não passando de «palavras ôcas que se ouvem com orvidos moços».

Já entrámos no nosso quinto mez de vida e a tarefa, a que nos propuzemos desde o nosso advento, temol-a cumprido com a maxima correcção, sendo disso prova a acceitação que temos tido e que o sr. Ary parece ou quer ignorar.

Demais não será com as apreciações de tal jaez, que nos abalaremos e nos julgemos em «franca decadencia» e «desmoralizados» como julga boçalmente o nosso missivista.

Prestígio não nos tem faltado desde o nosso reaparecimento até esta data e, cremos, não nos faltará para o futuro, tendo em vista a boa opinião que de nós fazem as familias e o povo da capital.

Ao sr. Ary agradeço os abraços que me enviou e aconselho-o a esconder melhor a sua ignorancia, baseando em terreno solido as suas affirmações e evitando, por esse modo que, ao mais sopro de contestação, ellas cahiam sobre sua cabeça falha de intelligencia e plena de estupidez.

Laelio C. Malheiros.

ELLE.

Elle é filho lá da serra,
Nascido no Pinheirinho,
Logar onde o touro berra;
E' conhecido em sua terra
Pelo nome — «Sinhozinho».

Veio aqui prá estudar;
Estudou e é formado
Em guarda-livros exemplar,
Sem ter outro a igualar,
Poís já está bem collocado...

Elle é um fazendeiro
Capitalista bem forte,
Bom rapaz-bom companheiro
E' feliz e tem dinheiro...
... Seu emprego é um esporte...

— Quem será esse mocinho?
Hão de agóra perguntar.
— Elle é «lageauinho».
nascido no Pinheirinho...
O mais não posso contar.

Marcos Belmonte

Os olhos pallidos da Princesa dos meus sonhos...

*Os teus olhos amortecidos,
pallidos, sem brilho, sem fulgôr,
trazem-me á mente
a lembrança dolorosa,
d'uma Princesa que morreu de amôr...*

*Os teus olhos fenecidos,
olhos soffredores, eternas,
têm a semelhança luctuosa
d'uma tarde triste e indolente,
silenciosa e bôa como a Paz...*

Amo os teus olhos!

*Sombrios, fadigados,
cheios de candura,
olhos que os meus, amargurados,
n'um soffrer sem fim, n'uma tortura
lenta, procuram ansiados,
para dizer-lhes toda a dôr
que mora na minh'alma,
como n'alma da Princesa que morreu de amôr...*

(do Nocturno Escarlate...)

Ecyro Gouvêa

Lembrando o passado

A mon ami et confrère Zequinha.

Um dia fui visitar um amigo que residia numa villa chamada Pirajá, de cuja parte oriental se levantavam alterosas montanhas.

Passeavamos lentamente, apreciando o por do sol que ensombra-va seus raios, offuscando-os, no potente; e ouvindo os passarinhos, cujos cantos para mim desconhecidos, que gorgejavam melancolicos, nos galhos das arvores nûas, quasi sem vida.

Momentos após, quando nos achavamos no assumpto mais importante, fomos interrompidos, por uma voz fraca que implorava a Caridade.

E' que sentado, estava, um pobre velhinho, á beira d'um caminho quasi todo coberto de cipós, que ia terminar perto de um rochêdo, onde o mar sussurrava no rumor de uma prece.

Commovido de ver aquelle pobresinho, despertou-me a curiosidade de saber que motivo tão penoso o troxera áquelle ponto.

Demos dois tostões, e, ancioso, pedi que nos contasse algo daquelle solidão.

N'um tom cansado o pobre ancião, de cabellos brancos quaes fios de prata, resolveu contar-nos os transe da sua infortunada vida.

Olhando para um lado, apontou-nos uma cabana em ruinas coberta de matto.

Lá, disse elle, vivia feliz durante alguns tempos; trazia na minha companhia uma filha chamada Loly, que viuvara na idade de 29 annos.

Como naquelle tempo eu tivesse

bastante forças para trabalhar, cultivei a terra e della sustentava minha filha e um netinho, que quando o pae fallecera o deixara com dois annos de idade.

Assim passamos, diversos annos mui regularmente...

Porem um dia fui acometido por um ataque de paralytia, que me trouxe á esse estado.

Loly coitadinha, foi quem passou a sustentar a casa. Ora com o dinheiro das rendas que fazia, e ora com a sua tão penosa lavação.

Meu netinho, tambem, não nos podia ajudar em grande coisa por que ainda era pequeno, mas todos os dias ia a cidade vender hortaliças, e, com o dinheirinho apurado, comprava o necessario para aquelle dia.

Os meus caros meninos, naturalmente, devem ter ouvido dizer que quando a infelicidade entra em nossas casas custa a sahir, e assim a desdita em meu lar crescia cada vez mais. Chega o inverno insano e frio, trazendo mil doenças por esse mundo em fóra...

Meu netinho e minha filha caíram doentes e falleceram após horriveis soffrimentos, ficando eu só nesse mundo falláz, implorando a caridade aos bondosos corações que por aqui passam.

Ao terminar a narrativa tão triste de sua malfadada vida, caíam-lhe, dos olhos martyrisados, olhos de orbitas escuras, uma a uma, gottas de lagrimas.

Fiquei, totalmente penalizado e fitei o meu jovem amigo que soluçava.

A natureza inteira parecia tambem chorar ouvindo aquellas palavras tão dolorosas do pobre velhinho, que se iam confundir com o gorgear melancolico dos passa-

ros; e a voz que o mar sussurrava no rumor de uma prece.

27-5-925

Petit fils.

Silhouette

Z. M.

Mui jovem ainda, é uma figura graciôsa, sympathica e mui intelligente.

Loura, com a graça das filhas do Rheo, um sorriso sempre a esvoaçar em seus labios bem delinados, mereceu já, de alguém, o expressivo nome do *Biscuit*.

De facto, a comparação foi feliz, pois, quem vê Mlle. Z. M. rece contemplar um desses mimosos biscuits animado por uma vitalidade inexplicavel.

Um outro dom todo especial dá á gentil Z. M. uma feição mui valiosa e unica em nossa cidade.

E' uma revelação na arte que fez de Margarida L. Almeida o idolo da gente culta, e, de Bertha Singherman a celebrade palmeada e festejada por todas as platéas mundiaes.

Tomando parte nos nossos ultimos festivaes, conseguiu a senhorinha Z. M. applausos fartos e felicitações sinceras, pelo triumpho alcançado, triumpho esse que lhe é um galardão de gloria, pois, só a si o deve e a mais ninguem.

Quando Mlle. passa envolve-se uma nuvem de amizade e de admiração.

E a encantadora Z. parece não prezar nem admirar a ninguem...

Lius

CARTA

Delicios» creatura.

Eu podia começar esta carta com aquellas phrases protocolares de sempre: Curvo-me respeitosa-mente etc.

Porem digo-lhe somente, que lhe escrevo porque acho-a deliciosamente amavel, deliciosamente deliciosa.

Sem nutrir uma paixão fortissima e interessada por v. eu-lhe tenho uma sympathia tão forte quanto desinteressada e que chega a fazer-me quasi um seu irmão.

Talvez alguém haja julgado mal os meus actos, mas eu nunca me importo com que dizem os outros e tenho quasi certeza que v. «reza pela mesma cartilha».

Continue a me apparecer assim «esguia como um vaso italiano de crystal» que me dará muito prazer, um prazer differente dos que tenho sentido.

Para findar beijo muitas vezes as suas mãos. E fique v. sabendo que é a mais deliciosa das creaturas.

Sempre o seu

Zequinha

O delicto do beijo

Ha dias, quando na leitura de uma revista, deparei com o titulo que encimava estas linhas e, dado, a sua originalidade, não me pude esquivar de lhe tecer os meus fracos elogios, tornando-os extensivos a quem o escreveu.

E bem o posso explicar; trata-se da comunidade com que é tido o beijo em França, nomeadamente nas cidades de Paris e Bordéus. Aquella chronica, aliás, muito bem disposta, dá-nos o exemplo que, na razão das cousas, poder-se-hia tel-o como base principal no emprego do seu mechanismo. Para que não me torne explicito em demasia, desejo unicamente commentar o que colhi daquella leitura:

Um jovem, quando passeava com sua companheira em uma das ruas dessa ultima cidade, num gesto muito simples e sem embaraço qualquer, offertou-lhe um beijo; um policial que presenciava o acto agastou-se (sem razão justificada) com tal proceder e achou razoavel prendel-o immediatamente, arrumando-lhe ás costas um processo bem pouco satisfactorio. A imprensa franceza occupou-se do caso e, apoz a sua divulgação, uma corrente extraordinaria, começou a apoiar inteiramente o proceder do jovem, embora contra esse houvessem surgido alguns commentarios que, logo foram extinctos. E para demonstrar a nulla competencia daquelle policial, o expoz a um ridiculo assaz desagradavel, intimandou-o a comparecer perante o Conselho de Disciplina, tendo, para maior propaganda, a sua photographia «pre-privilegiado» por alguns dias as revistas, jornaes etc. Acertado foi aquelle proceder, pois, em hypothese alguma seria admissivel tal energia «visto como o beijo desde ha muito é na França uma instituição tão extraordinariamente difundida que já está incorporada aos habitos mais usuaes da vida diaria» (conforme diz-nos o auctor.)

Embora a minha nullidade no assumpto, estou a crêr que o beijo devia ser tão natural como um «um bom dia» ou um «bôa tarde». Difficil, entretanto, ser-nos-hia imitar, aqui no Brazil, o beijo livre da França, mas com a espera de tempos futuros... o Rio talvez possa se encarregar da sua introdução.

E que este mal se alastre, sem prejuizos materiaes, são os votos, creio, de ti, leitor amigo...

Florianopolis 4-5-25.

Ôhême II

Galeria de Homens Celebres

N. A.

De todos os «productos» que nos tem mandado Lages,—a princeza da serra—o «homem» de hoje é o mais pacato, o mais retrahido, o mais sincero.

Funcionario de um dos nossos Bancos, o jovem lageano emprega suas horas de folga na conversa com a sua «pequena», am mimo de graça e belleza, posta por Deus no Mundo para consolo delle e desconsolo da gente.

E' um gosto ve-los, um ao lado do outro, ambos ditosos, trocando phrasas d'amor e promessas futuras, n'um enlevo doce e bom, como si estivessem fóra, completamente fóra, das mesquinhas, rios da Vida, e do bate-bocca do povo que de tudo falla e critica, sem medir as consequencias que advirão.

Dizem, não sei si é lenda, que foram os olhos languidos e flacidos, quasi amendoaes, da sua divina namorada, que o prendeu nas malhas do Amor, de tal modo, que elle, feliz mortal — não se desvencilhará dos laços amorosos!

Bem haja o homem que ama e é amado, como o meu amigo lageano, o mais pacato, o mais retrahido, o mais sincero, mas no entanto o mais ditoso!

Alvaro Moraes.

Notas elegantes.

DOMINGO QUE PASSOU...

...despertou chorosamente triste, decorreu morosamente triste e tristemente triste morreu...

Pairou sobre todo dia um sonho de tristeza, banhado, á manhã, pelas lagrimas do céu e, á tarde, pela luz apagada de um sol doente.

A cidade viu o transcorrer de domingo com olhos de desengano, de quem nada mais espera, de quem já não é do mundo...

Foi domingo, enfim, mais um calháu atirado á torrente da vida que a rolar, a bailar, já cahiu no abysmo das cousas passadas e esquecidas...

Elius.

—(:)—

AUDIÇÃO DE PIANO.

Realizou-se, domingo passado, no salão do Club 12 de Agosto, a audição de piano das alumnas da ex-ma. snra. d. Adelaide Gama d'Eça.

Ao salão do veterano club comparecem um grande numero de familias e cavalheiros que, durante toda a função, não deixou de palmar largamente os numeros brilhantemente executados.

Após o encerramento do programma, organizou-se um pequeno baile que se prolongou por algumas horas, deixando nos presentes as mais gratas recordações.

—(:)—

VIAJANTE

Após alguns dias de permanencia em nossa capital, seguio para o Sul do Paiz, o nosso jovem amigo Antonio Montenegro F. Gomes, viajante geral da importante firma Nadir Figueiredo & Cia. Ltda., de São Paulo.

O distincto viajante que não nos visitapela primeira vez soube com seus altos meritos de cavalheirismo, angariar, em nossa sociedade, um amplo circulo de amizade.

Agradecidos pela sua visita de despedida, desejamos ao nosso amigo Montenegro uma feliz viagem.

«Revista do Centro C. de Letras»

Foi posta á estampa, domingo passado, a «Revista do Centro Catharinense de Letras» correspondente ao passado mez.

Trazendo uma vasta collaboração em prosa e em verso, de alguns de seus membros, a revista veio preencher uma grande lacuna que se fazia notar em nosso meio.

A capa artisticamente colorida, é ornada com o retrato do Exmo.

Sr. Governador do Estado, presidente de honra daquella aggremação de letras.

No seu artigo de apresentação, o agradável mensario expõe os seus fins, assim como tambem os do «Centro C. de Letras», que, vae brilhantemente proseguindo na rota que traçou, alevantando o amor pela lingua patria.

Felicidades perennes e votos de longa vida, é o que desejamos.

Respingos...

Santa Catharina, a terra da precocidade...

Appareceu mais uma declamadora; desta vez é uma alumna da E. N.

Garantem as suas collegas, que é um assombro, um verdadeiro assombro!

A joven «diseuse» está se especializando, segundo dizem, em declamar versos de poetas francezes, inglezes, allemães, etc, etc.

O publico espera ancioso que a graciosa senhorinha dê um recital em nosso theatro...

Mais um que reclama...

O meu particular amigo e collega, anda aborrecido da vida, aborrecidissimo!

Calculem os leiores, que elle, coitado, ama com loucura uma joven carioca, descendente da terra de Hindenburg, e um seu amigo, anda tentando namora-la, á todo o custo.

Elle, pobre amigo, não sabe mais o que fazer para impedir a paixão-platonica do louro mancebo, amigo dos charutos e dos cachimbos.

Paciencia, meu caro! Eu tambem já passei por isto e «aguentei firme»

Vai indo sem novidade alguma, o namoro dos dois amigos com as duas primas.

Ainda quarta-feira, como signal de amizade e solidariedade, um delles, mais conhecido por fabulista, pagou uma vasta ceia ao seu companheiro de jornada...

CORREIO

Elison-Wilson (Capital). Está em nossas mãos o seu trabalho: «Postal Colorado» — «Pour le ange blême» — (esqueceu-se da contracção, Wilson ?) Não o publicamos por dois motivos bem diversos. Primeiro: a sua amada com certeza embarcou no dia 3, e não no dia 1º, como disse, portanto, sahiria extemporanea a sua collaboração.

Segundo: resente-se de algumas fallas a sua obra, principiando pela dedicatória. Como vê, o aproveitamento do trabalho que nos enviou é de todo impossivel.

Esperamos, no entretanto, que continue a escrever e mandar-nos, caso esteja em condições.

Marionette — (Brusque) Ha muito que se retirou d'aqui. Ignoro para onde foi a pessoa que procura.

(2º) Armando Madeira é pseudonymo de um joven infeliz, que chora por não ter uma namorada. Quererá a senhorinha alliviar a dôr do meu amigo?

Se quizer, escreva-me, pedindo informações mais amplias.

Lord-Mayor — (São Francisco) Não possuímos mais o numero que nos pede; exgottou-se a tiragem.

Carlos-Antonio (São José) Si o amigo puder dar um «pulo» á nossa redacção, será muito melhor.

Fallaremos pessoalmente.

Ao Nicolau Oliveira.

(Em casa da namorada)

Houve equívoco na historia. Não sou, nem nunca serei pretendente á uma cousa que não poderei alcançar.

Alpha Pingo.

Concurso de Dança

Qual o melhor par de dança ?

Publicamos hoje a ultima collocação dos candidatos que precede o encerramento deste concurso o que se dará no proximo domingo.

QUAL O MELHOR «DANSEUR» ?

Raulino Ferro	1.325	votos
Oswaldo Bulcão	810	
Anisio Dutra	755	
Luis Palmeiro Lopes	720	
Edgar Araujo	685	
Acclon Souza	645	
Ni'o Nocetti	630	
João Tolentino Jr.	605	
Nicolau Oliveira	590	
Dr. Edmundo Moreira	510	
Antonio Sbissa	460	
Ivens Araujo	400	
Firmino Vieira	395	
Mario Otero	340	
João José Cabral	300	
Irenio R. Barbosa	300	
Alcides Taulois	275	
Arnaldo Dutra	260	
Marcello Coelho	50	
Lauro Pinto	50	
Cyro Ribeiro	40	

QUAL A MELHOR «DANSEUSE» ?

Helyete Campos	1.530	votos
Jerusa Cabral	1.085	
Zilda Moellmann	1.050	
Rachel Tolentino	935	
Elisa Coelho	930	
Celeste Arantes	905	
Diva Moellmann	875	
Almira Moritz	850	
Helena Buchele	830	
Adelia Moritz	825	
Hyedda Caldeira	800	
Wanda Bulcão	770	
Zelia Moellmann	735	
Zilda Livramento	600	
Juracy Campos	570	
Ita Guilhon	565	
Ada Guilhon	530	
Nair da Natividade	515	
Lilá Muricy	500	
Cecy Araujo	480	
Zurma Luz	430	
Ruth Muricy	305	
Jurema Brasil	260	
Aricia Brasil	230	
Dorvalina Goulart	110	
Bastilha Bosco	80	
Altair Barbosa	60	
Genny Neves	5	

Qual o melhor «danseur» ?

Votante.....

Qual a melhor «danseuse» ?

Votante.....

Elysio Simões

REPRESENTAÇÕES

Filial

Florianopolis
Endereço Teleg. "Sedruol"
Caixa postal 66
Rua Conselheiro Mafra, 44
Santa Catharina

Matriz

Curityba
Endereço Teleg. "Sedruol"
Caixa Postal, 107
Codigos: Ribeiro e Borges
Rua 15 de Novembro, 89 —
1º andar
Paraná

Companhia Predial Paulista A INTERNACIONAL

Registrada na junta Commercial do Est. de S. Paulo
AUTORISADA E FISCALISADA PELO GOVERNO FEDERAL

CARTAPATENTE N. 8

Nesta companhia com a modica contribuição mensal de 2 500, qualquer pessoa poderá habilitar-se para concorrer ao sorteio predial de 13:000\$000, e, em caso de fallecimento, será restituído aos herdeiros o total das importancias pagas.

A unica nesse genero

ESCRITORIO RUA FELIPPE SCHMIDT. N.º 9, (sobrado)

Café Royal

PROPRIETARIO—**Agapito Iconomus**

Tem sempre grande e escolhido sortimento de doces e bebidas nacionaes e estrangeiras.

Restaurante de 1ª ordem

ASSEIO E PERFEIÇÃO!

Possue tambem as melhores marcas de charutos e cigarros.

Praça 15 de Novembro

CASA AUREA

Grande stock de calçados, perfumarias nacionaes e estrangeiras.

Collarinhos, gravatas, meias e todos os artigos necessarios a toilette para homens e senhoras

Fazei pois uma visita á CASA AUREA
Rua Conselheiro Mafra, esquina da Rua Trajano

CASA OTTO

Proprietario — **Paulo Baier**
Encontra-se grande quantidade de finas joias, aneis, prataria. etc
Quereis fazer bons presentes ?
Visitae a Casa Otto
Rua Felipe Schmidt n.º 11 — Florianopolis

Não se deixe illudir por promessas phantasticas, a

Empreza Catharinense de Sorteios Ltda.

cobra só 2.500 e paga de facto 5:000\$000.

Rua João Pinto n.º 4 — Florianopolis.

Salão Sepetiba

Barbeiro e cabelleiro

Rua Conselheiro Mafra, n. 6

FALCHI

0 Insuperavel chocolate

O ELEGANTE

SEMANARIO NOTICIOSO, CRITICO E MUNDANO
Toda collaboração deve ser dirigida a Postares